

CRISE: “O Brasil vai bem, apesar da turbulência”

Continuação da 1ª página

ANGELA PIMENTA

O Brasil já está sofrendo o contágio da crise argentina, através da desvalorização do real e de seus títulos no mercado internacional. Como o sr. compara as oportunidades de investimentos no Brasil e na Argentina?

— Primeiro é preciso dizer que nós somos investidores operando a médio e longo prazos. Portanto, ao invés de estarmos focados no que pode acontecer nos próximos seis meses, temos um horizonte mais longo, geralmente de cinco, seis ou até mesmo sete anos. Nós (o JP Morgan Partners) temos o Brasil como uma prioridade com

“O Brasil é hoje nosso principal mercado na América Latina, com 20% a 30% de nossa carteira.”

— O senhor não concorda então com o economista Rudiger Dornbusch, que num artigo para o jornal Financial Times disse essa semana que a América Latina oferece apenas grande risco sem dar nenhum retorno?

— Eu não li esse artigo, mas posso dizer que se o sr. Dornbusch escreveu isso, eu discordaria porque nós temos investido lá há mais de uma década e obtido um retorno substancial. A questão é saber identificar as boas oportunidades de investimento e avaliar os riscos versus as chances de lucro. Nossa negócio é justamente correr riscos. Isso é exatamente o que nós fazemos: analisamos o risco de se investir numa determinada empresa, de um determina-

do país, e então tomamos as nossas decisões. Não há dúvida de que a América Latina apresenta um alto grau de volatilida-

de, mas isso

não significa dizer que a região não seja mais atraente para os nossos investimentos. No caso específico da América Latina, temos a vantagem de poder contar com um vasto leque de opções — tanto empresas já estabelecidas quanto aquelas que ainda não abriram o seu capital. Nós podemos nos proteger dos riscos, talvez até melhor do que os investidores que operam diretamente comprando títulos no mercado, já que investimos em companhias através de contratos acionários que nos garantem direitos. Nosso contratos nos possibilitam a opção de vender nossas participações não apenas no mercado de ações, mas para um comprador estratégico. Por isso, temos a segurança de poder sair numa posi-

ção confortável de um investimento que venha a não nos interessar mais no futuro.

— Qual seria a sua recomendação sobre investimentos no Brasil, se o próximo presidente brasileiro fosse um opositor ao presidente Fernando Henrique Cardoso, como Luiz Inácio Lula da Silva ou Ciro Gomes?

— Não posso comentar sobre o impacto que um partido político diferente do que está no poder teria nas próximas eleições brasileiras porque não conheço a fundo o programa de seus candidatos.

— Como o senhor avalia o governo de Fernando Henrique Cardoso, do ponto de vista de sua política econômica?

— De maneira geral, acho que o Brasil vai bem, apesar da turbulência atual. Desde a desvalorização do real, o país tem feito um grande progresso em reformas macroeconômicas, que visam a sua estabilização. Com relação ao Brasil, diria que estamos menos preocupados com a situação a curto prazo, apesar de

que, obviamente, existem fatores de risco que precisam ser levados em conta, tais como a incerteza política com relação às eleições do próximo ano.

Outro ponto a ser examinado é o impacto, ainda incerto, da crise energética sobre o crescimento do PIB brasileiro este ano.

— O que o governo brasileiro poderia fazer para recuperar a confiança do investidor internacional com uma carteira de investimentos de curto prazo?

— Acredito que o governo brasileiro já está fazendo o que é possível ser feito num momento como esse. Tenho conversado com outros investidores e acredito que o Brasil está se saindo bem em seus esforços de diferenciar-se da Argentina diante do mercado glo-

bal. Os investidores mais experientes sabem que a Argentina atravessa uma crise grave, mas que não devem colocar todos os países da América Latina no mesmo balão. Há sempre um risco,

numa situação como essa, de que os outros países sejam momentaneamente afetados, mas não necessariamente por um impacto real. No Brasil, o que poderia acontecer de pior seria a perda de confiança no país por parte dos investidores internacionais e uma redução dramática no investimento direto estrangeiro. O Brasil precisa trabalhar duro para minimizar isso.

— Qual a sua avaliação das medidas econômicas anunciadas pelo ministro argentino Domingo Cavallo, que pretende cortar fundo nos gastos do governo?

— Acho que ele tem feito tudo o que pode ser feito para lidar com um quadro macroeconômico extremamente difícil na Argentina.

— Como o senhor compara a América Latina hoje e há dez anos em termos de oportunidades de investimentos?

— Não tenho a menor dúvida de que se você comparar onde esses três países estavam há dez anos, no começo da década de 90, versus onde eles estão hoje, verá que houve um tremendo progresso. Em termos de reformas políticas e econômicas, os avanços são imensos. Nós começamos a investir na América Latina no começo dos anos 90 e os riscos associados a esses países são menores do que eram naquela época, apesar de toda a volatilidade e preocupação com relação à Argentina e das possíveis implica-

ções, um possível contágio da crise argentina no Brasil. Nesse exato momento, esses três países podem parecer mercados difíceis de se navegar, mas se você é um investidor de longo prazo, ao colocar seu dinheiro em empresas sólidas e de crescimento rápido, você terá tomado a decisão acertada ao ter uma presença forte nesses países, que precisam de capital para crescer. Nós podemos dar a essas empresas o capital de que elas necessitam. Na Argentina, por exemplo, temos investido na Nortel Inversora, a holding que controla a Telecom Argentina, que foi privatizada em 1999. Temos também investido na TGN, uma companhia voltada à produção de gás. No Brasil, em

1993 investimos na (metalúrgica) Lataisa, que é lucrativa, muito bem administrada e conta com uma participação significativa em seu

“Os investidores mais experimentados sabem que não devem pôr todos os países no mesmo balão.”

mercado. Ainda no Brasil, temos investido em empresas ligadas ao setor tecnológico, como a Total Participações, dedicada à logística de distribuição. Temos ainda uma associação com o Grupo Martins, que também atua no setor de logística, entregas e distribuição. E temos pelo menos uma dúzia de outras companhias brasileiras menores também ligadas ao setor de tecnologia ainda em estágio inicial de operações. No México, temos uma participação numa empresa chamada Cinemex, que a líder no mercado de cinema naquele país. Essas empresas são alvos típicos dos investimentos que fazemos e estamos muito satisfeitos com os retornos que temos alcançado na América Latina.